

---

**Abandono escolar no contexto da pandemia: desejos, angústias e anseios na fala dos estudantes da Escola Estadual de Ensino Médio Olindo Flores da Silva**

---

**School dropout in the context of the pandemic: desires, anxieties and expectations in the speech of students at the State High School Olindo Flores da Silva**

---

**El abandono escolar en el contexto de la pandemia: deseos, angustias, anhelos en las hablas de los estudiantes de la Escuela Estadual de Enseñanza Media Olindo Flores da Silva**

---

Machado, Sílvio Nei da Silva<sup>1</sup> (São Leopoldo, RS, Brasil)  
ORCID <https://orcid.org/0000-0002-7122-3602>  
Fritsch, Rosângela<sup>2</sup> (São Leopoldo, RS, Brasil)  
ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-0630-3649>  
Pasinato, Darciel<sup>3</sup> (São Leopoldo, RS, Brasil)  
ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-4167-2025>

**Resumo**

O presente artigo tem por objetivo compreender o comportamento dos estudantes da Escola Estadual de Ensino Médio Olindo Flores da Silva, localizada no município de São Leopoldo, região metropolitana de Porto Alegre, no estado do Rio Grande do Sul, durante a pandemia do novo coronavírus, no ano de 2020, quando da suspensão das aulas presenciais e adoção do ensino remoto. Para tanto, os dados foram produzidos por meio de um questionário *online* disponibilizado aos estudantes da escola na plataforma *Google Classroom* e nos grupos de mensagens instantâneas do aplicativo *Whatsapp*. Trata-se de um estudo de caso qualitativo, cujas respostas dos estudantes serão ponderadas por meio da análise textual discursiva. Os efeitos da pandemia foram sentidos por todos os setores da sociedade brasileira e a rotina das escolas foi substancialmente afetada. Neste contexto emergencial de implantação do ensino remoto, vislumbra-se um cenário complexo, cujos atores menos favorecidos acabam sendo excluídos do processo. A pandemia é mais uma das forças contrárias que, somadas a outros fatores externos e internos à escola, podem potencializar o abandono escolar, especialmente no Ensino Médio.

**Palavras-chave:** Abandono escolar. Ensino Médio. Pandemia. Ensino remoto.

**Abstract**

This article aims to understand the behavior of students at the Olindo Flores da Silva State High School, located in the municipality of São Leopoldo, part of metropolitan region of Porto Alegre, in the state of Rio Grande do Sul, during the new coronavirus pandemic, in 2020, when classroom courses were suspended and remote learning was adopted. For this purpose, the data were produced through an online questionnaire available to students at the school on the Google Classroom platform and in the instant messaging groups of the Whatsapp application. It is a qualitative case study, whose responses from students will be weighted through discursive textual analysis. The effects of the pandemic were felt by all sectors of Brazilian society and the routine of schools was substantially affected. In this emergency context of implementation of remote education, a complex scenario is glimpsed, whose less favored actors end up being excluded from the educational process. The pandemic is one of the opposing forces that added to other factors, external and internal to the school, can increase school dropout, especially in high school.

**Keywords:** School dropout. High school. Pandemic. Remote teaching.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. [silvionsm@gmail.com](mailto:silvionsm@gmail.com)

<sup>2</sup> Professora titular no Programa de Pós-Graduação em Educação, na Graduação e Especializações da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. [rosangelaf@unisinobr](mailto:rosangelaf@unisinobr)

<sup>3</sup> Professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. [darcielpasinato1986@gmail.com](mailto:darcielpasinato1986@gmail.com)

## Resumen

El presente artículo tiene como objetivo comprender el comportamiento de los estudiantes de la Escuela Estadual de Enseñanza Media Olindo Flores da Silva, ubicada en la ciudad de São Leopoldo, región metropolitana de Porto Alegre, en el estado de Río Grande del Sur, durante la pandemia del nuevo coronavirus, en el año de 2020, cuándo la suspensión de las clases presenciales y la adopción de la enseñanza remota. Por eso, los datos fueron producidos por medio de un cuestionario online disponible a los estudiantes de la escuela por la plataforma Google Classroom y en los grupos de mensajes instantáneos en la aplicación WhatsApp. Trata de un estudio de caso cualitativo, donde las respuestas de los estudiantes serán ponderadas por medio de análisis textuales discursivas. Los efectos de la pandemia fueron sentidos por todos los sectores de la sociedad brasileña y la rutina de las escuelas fue sustancialmente afectada. En este contexto de emergencia de implantación de la enseñanza remota, se vislumbra un escenario complejo, cuyos actores menos favorecidos acaban siendo excluidos de los procesos. La pandemia es más una de las fuerzas contrarias que, sumadas a otros factores externos e internos a la escuela, pueden potencializar el abandono escolar, especialmente en la Enseñanza Media.

**Palavras-Clave:** Abandono escolar. Enseñanza Media. Pandemia. Enseñanza remota.

## Introdução

O abandono e a evasão escolar no Ensino Médio têm sido objeto de estudos diversos e o entendimento desses fenômenos complexos configura-se como um dos grandes desafios dessa etapa da Educação Básica. De acordo com Oliveira, Thums e Alves (2015, p. 49), “[...] a evasão escolar é um problema já bastante antigo, e a sua expectativa de resolução a médio e curto prazo se mostra bastante difícil, sendo o Ensino Médio a etapa da educação básica que chama mais a atenção pela quantidade de estudantes que deixam de frequentar a escola”.

Tomando como base o Dicionário de Indicadores Educacionais (BRASIL, 2004) e o próprio *site* do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), podemos distinguir os conceitos de Abandono e Evasão Escolar, comumente confundidos como sinônimos. O abandono compõe as taxas de rendimento escolar, assim como a aprovação e a reprovação e refere-se ao estudante que deixou a escola dentro de um mesmo ano, retornando no ano seguinte. A evasão está relacionada às taxas de fluxo escolar, juntamente com a promoção e a repetência escolar, ou seja, refere-se aos estudantes que saem da escola e não retornam mais, considerando o ano seguinte. Desta forma, já que este artigo trata do abandono escolar no ano de 2020, será utilizado o termo “abandono escolar”.

Diante do abandono escolar no Ensino Médio que por si só configura um problema de suma relevância para a pesquisa na área da educação, no ano de 2020 o mundo foi assolado pela pandemia de coronavírus (SARS CoV2<sup>4</sup>). Perante a crise

---

<sup>4</sup> A COVID-19 é uma doença causada pelo coronavírus, denominado SARS-CoV-2, que apresenta um espectro clínico variando de infecções assintomáticas a quadros graves. De acordo com a Organização Mundial de Saúde, a maioria (cerca de 80%) dos pacientes com COVID-19 podem ser assintomáticos ou oligossintomáticos (poucos sintomas), e aproximadamente 20% dos

mundial de saúde pública, inúmeros países suspenderam diversas atividades, entre elas, nas escolas, as aulas presenciais. No Brasil, a situação não foi diferente, sendo que essa medida foi adotada em todo o território nacional, especialmente por iniciativa das Secretarias de Educação municipais e estaduais.

Os efeitos da pandemia foram sentidos por todos os setores da sociedade brasileira e, como não poderia ser diferente, a rotina das escolas foi substancialmente afetada. Logo no início do ano de 2020, por questões sanitárias, foi necessária a suspensão das atividades presenciais. No dia 17 de março de 2020, portanto, o Ministério da Educação (MEC) publicou a portaria nº 343<sup>5</sup> autorizando, em caráter excepcional, a substituição das disciplinas presenciais por aulas que utilizassem meios digitais, sem especificar como isso se daria, ficando a cargo de estados e municípios, por meio de suas Secretarias de Educação, a tomada de decisões de acordo com a realidade local. Um dia depois, em 18 de março de 2020, o Conselho Nacional de Educação emitiu uma nota<sup>6</sup> ressaltando que competiria às autoridades dos sistemas de ensino federal, estaduais, municipais e distrital autorizar a realização de atividades a distância na educação básica.

O Governo do Estado do Rio Grande do Sul, por meio do Decreto nº 55.118<sup>7</sup>, de 16 de março de 2020, antes mesmo da portaria do MEC, determinou a suspensão das atividades presenciais na rede estadual. Inicialmente, as escolas foram orientadas pelas Coordenadorias Regionais de Educação (CREs) a desenvolverem planos de ação, descrevendo as atividades que seriam trabalhadas com os estudantes por meio de aulas programadas<sup>8</sup>.

---

casos detectados requer atendimento hospitalar por apresentarem dificuldade respiratória, dos quais aproximadamente 5% podem necessitar de suporte ventilatório. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca#o-que-e-covid>. Acesso em: 13 nov. 2020.

<sup>5</sup> A Portaria nº 343, de 17 de março de 2020 dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus – COVID-19. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>. Acesso em: 14 abr. 2021.

<sup>6</sup> Nota divulgada pelo Conselho Nacional de Educação considerando as implicações da pandemia de COVID-19 no fluxo do calendário escolar tanto na educação básica quanto no ensino superior. Disponível em: <https://undime.org.br/noticia/20-03-2020-16-56-conselho-nacional-de-educacao-divulga-nota-de-esclarecimento-considerando-as-implicacoes-da-pandemia-do-coronavirus>. Acesso em: 14 abr. 2021.

<sup>7</sup> Publicado no Caderno do Governo (DOE) do Rio Grande do Sul Em 17 de Março de 2020. Entre outras medidas, destacamos o artigo abaixo: Art. 5º Ficam suspensas, a contar de 19 de março de 2020, pelo prazo de quinze dias, prorrogáveis, as aulas presenciais no âmbito do Sistema Estadual de Ensino, devendo a Secretaria da Educação estabelecer plano de ensino e adotar as medidas necessárias para o cumprimento das medidas de prevenção da transmissão do COVID-19 (novo Coronavírus) determinadas neste Decreto.

<sup>8</sup> As Aulas Programadas são atividades escolares, presenciais ou não, previamente elaboradas com base em objetos de conhecimentos já abordados em sala, compreendendo um conjunto de aulas a serem cumpridas pelos estudantes e seus respectivos professores. A entrega das atividades dos alunos será realizada após o retorno das aulas presenciais na Rede Estadual de Ensino. Disponível em: <https://educacao.rs.gov.br/aulas-programadas-na-rede-estadual-de-ensino-iniciam-nova-etapa-a-partir-de-segunda-feira-6> acesso em 12/11/2020. Acesso em: 28 fev.

A partir do mês de julho de 2020, todas as atividades e toda a interação entre estudantes e professores passaram a ser realizadas por meio da plataforma *Google Classroom*. Desde então, os alunos recebem atividades, tiram dúvidas e preenchem formulários avaliativos dentro da plataforma, além das aulas ao vivo através do *Google Meet*, plataforma de videoconferências do Google.

Diante desse quadro desafiador e totalmente inédito vivido por todos, é importante lembrar que, tanto Secretarias de Educação, Coordenadorias, escolas, professores e alunos não estavam preparados para uma mudança tão radical na forma de dar/ter aulas, tanto no que diz respeito aos recursos necessários para que essa contingência fosse atendida de maneira satisfatória, quanto ao preparo e conhecimentos prévios sobre a educação remota, especialmente por aqueles que não faziam uso das tecnologias antes da pandemia. Para Martins e Almeida (2020)

[...] forçados a buscar táticas de inclusão na onda do ensino remoto, professores estão criando dispositivos de ensino por conta própria e estudantes se tornaram autodidatas da noite para o dia e estão, como bem explícita a propaganda do Governo sobre o ENEM 2020, estudando como podem. (MARTINS; ALMEIDA; 2020, p. 217).

Além da apreensão com o imprevisto do ensino remoto, Martins e Almeida (2020) mostram preocupação com a aceleração deste processo. Da mesma forma, chamam a atenção para a adoção de plataformas de *software* privadas (ambientes virtuais) em detrimento de *softwares* livres. (MARTINS; ALMEIDA, 2020, p. 219).

Indo ao encontro destas afirmações, no que tange ao uso das tecnologias, Alves e Faria (2020) afirmam que

A incorporação das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) as práticas educativas não acontecem de forma natural. Estudos demonstram a complexidade desse processo que confronta as políticas institucionais com as formas individuais e coletivas de uso nos espaços educacionais. (ALVES; FARIA, 2020, p. 2).

Neste contexto emergencial de implantação do ensino remoto, totalmente dependente das tecnologias e, portanto, dos recursos financeiros, desenha-se um cenário complexo, cujos atores menos favorecidos acabaram sendo excluídos.

Em outras palavras, dizer que as relações pedagógicas estão se tornando ampliadas e colaborativas com o uso da internet, nos remete a ideia de que a educação está sendo democratizada pelo uso da internet, contudo, desconsidera a desigualdade de acesso das populações à rede de computadores ligados à internet. (ALVES; FARIA, 2020, p. 3).

---

Com relação ao momento político vivido pelos brasileiros, Oliveira e Pereira Júnior (2020) destacam que:

Como se não bastasse, a pandemia ocorreu em um momento bastante particular da vida política brasileira e, especialmente, da agenda educativa. O Brasil chegou ao século XXI com uma dívida social muito grande com amplos setores da sociedade e com uma das mais injustas divisões de riquezas no mundo. (OLIVEIRA; PEREIRA JÚNIOR, 2020, p. 721).

Oliveira e Pereira Júnior (2020) chamam a atenção para as desigualdades ratificadas pela pandemia, já que ela aumentou e aprofundou as disparidades já existentes, mostrando o quanto o país estava despreparado para uma situação de contingenciamento e de atividades remotas.

Apesar de todos os esforços realizados pelas redes de ensino, gestores, escolas, professores e famílias no intuito de manter os alunos vinculados à escola, várias foram as dificuldades encontradas tanto com relação à disponibilidade de equipamentos, acesso à internet, quanto à adaptação dos conteúdos ao modelo de ensino. Soma-se a isso o despreparo dos docentes e estudantes para esta nova realidade. Se já tínhamos preocupação com relação ao abandono e evasão escolar no ensino médio em tempos de normalidade, no que tange a questões sanitárias, diante da pandemia apresentou-se um cenário bastante complexo, o qual afetou substancialmente a rotina da comunidade escolar em geral.

Desta forma, ante o problema do abandono significativo no Ensino Médio, afetado, no ano de 2020, pelos atravessamentos gerados pela pandemia de COVID-19, o presente artigo tem como objetivo compreender o abandono escolar a partir da perspectiva dos estudantes da Escola Estadual de Ensino Médio Olindo Flores da Silva, localizada no município de São Leopoldo, Rio Grande do Sul, durante o período pandêmico, quando da suspensão das aulas presenciais e adoção do ensino remoto de forma emergencial.

Além da introdução e das considerações finais, o artigo está dividido em quatro partes: na primeira, descrevemos os aspectos teóricos e na segunda parte o percurso metodológico. Na terceira parte é explorado o contexto da pandemia e na quarta parte são analisadas as percepções dos estudantes a partir de quatro categorias de análise: 1) abandono escolar em 2020 (pandemia); 2) sentimentos em relação ao ensino remoto; 3) organização para estudar em casa (em tempos de pandemia); 4) incentivo para estudar (alunos trabalhadores).

## Aspectos Teóricos

Apoiamo-nos nas ideias de autores como Bourdieu e Passeron (2009), Dubet (2004 e 2011), Freire (1991), Castel (1998), Laval (2019), Dayrell e Jesus (2016), Silva; Pelissari; Steimbach (2013); Vitelli e Fritsch (2015), para o entendimento sobre os conceitos de juventude, abandono escolar, trabalho e desigualdades sociais que escolhemos como centrais neste estudo. Sob a luz dos conceitos desses autores e suas contribuições teóricas, é possível traçar paralelos para uma melhor compreensão deste problema educacional e social que tanto nos intriga.

De acordo com Dayrell e Jesus (2016, p. 409), para entender os diversos fatores (internos e externos à escola) que acabam ocasionado o abandono escolar, especialmente no Ensino Médio, “[...] é importante compreender a adolescência como uma fase na vida de um indivíduo em que diversos dilemas surgem de uma forma intensa”. Portanto, é importante que possamos compreender os jovens como sujeitos socioculturais, ou seja, indivíduos dotados de uma trajetória de vida, percepções sobre o mundo, valores diversos e comportamentos próprios.

Para Silva, Pelissari e Steimbach (2013, p. 406) “[...] partimos do pressuposto de que a juventude é uma categoria que não tem sentido se não for analisada como uma construção histórico-social, permeada por lutas e contradições que movem a sociedade”. Desta forma, a compreensão do conceito de juventude é essencial para o entendimento das razões que fazem do abandono escolar no Ensino Médio um problema tão sério e que precisa ser enfrentado por toda a sociedade, requerendo a escuta e o diálogo com estes atores na condição de sujeitos que são expulsos das escolas. Freire (1991, p. 35), ao recursar o conceito de evasão, “[...] mostra que toda uma estrutura social contribui para o que ele chama de expulsão”. Agregam-se a esse cenário questões externas e internas à escola, uma vez que, segundo Bourdieu (2009), ela é reprodutora do discurso e da lógica dominante. A quantidade de barreiras a ser superadas por um jovem de classes sociais mais vulneráveis, para a sua permanência na escola, são muito maiores do que aquelas dificuldades que, porventura, venham a ser enfrentadas por jovens de classes sociais mais favorecidas.

Com relação às desigualdades externas à escola, as quais acabam influenciando nas desigualdades educacionais, os mais favorecidos obterão

vantagens cruciais neste processo. Dentre elas, a própria condição social da família e a própria relação dos pais com a educação, o que, conseqüentemente, acarretará num suporte maior ao estudante em sua trajetória escolar, já que haverá mais condições para que isso ocorra. (DUBET, 2004).

Para Laval (2019, p. 53), na perspectiva dos investimentos financeiros, justifica-se que “[...] os estudantes mais inteligentes têm interesse em continuar os estudos, porque o investimento é muito rentável nesse caso, ao passo que os menos inteligentes têm interesse em abandonar os estudos e iniciar o mais rápido possível na vida profissional”.

De acordo com os estudos de Vitelli e Fritsch (2015), podemos afirmar que vários são os sinais deste processo de exclusão. A defasagem idade-série é um dos fatores determinantes do abandono escolar, assim como a repetência.

O ingresso tardio e/ou a repetência são os fatores geradores e muitas são as decorrências pela condição dos alunos estarem em sala de aula acima da idade dos demais. A literatura tem apontado que a repetência gera conseqüências muito negativas não somente para o indivíduo, mas para o sistema educacional como um todo. Este fato ocasiona um estímulo ao abandono, impedindo o andamento do estudante no fluxo do sistema educativo, também resultando em frustrações de perspectivas pessoais. (VITELLI; FRITSCH, 2015, p. 68).

Com relação à transição do Ensino Fundamental para o Ensino Médio, Vitelli e Fritsch (2015) destacam que esse tempo de mudanças na vida do estudante, especialmente quando ainda estão despreparados para os desafios desta nova etapa da educação básica, somados às mudanças, em muitos casos, de escola, rede de ensino, influenciam consideravelmente no rendimento escolar deste aluno. Aliás, como demonstram os números relativos às taxas de abandono no Ensino Médio, o 1º ano desta etapa representa uma espécie de gargalo no que tange ao abandono escolar.

Com relação ao trabalho, apontado como um dos principais motivos de abandono escolar de jovens oriundos de classes populares, entendemos que, se a escolaridade, por um lado, é um dos requisitos básicos para a ascensão a empregos de maior complexidade e, por conseguinte, de remunerações mais atrativas, por outro, para as classes menos favorecidas, representa um empecilho, pois, dada a urgência na obtenção de renda, a escola é sempre relegada a um segundo plano, perpetuando-se um ciclo vicioso de abandono escolar e, conseqüentemente, empregos de baixa

renda. O trabalho representa mais do que simplesmente a atividade laboral e técnica em si, mas carrega consigo questões relacionadas ao que o Castel (1998) chamou de inscrição na estrutura social. O trabalho, portanto, representa uma possibilidade de integração do indivíduo a bens e serviços que vão além da mera remuneração.

Laval (2019, p. 64), em sua crítica, chama a atenção que “[...] a educação tem como objetivo a formação do trabalhador assalariado na era neoliberal”. Soma-se a isso o fato de que, de acordo com Dayrell e Jesus (2016) é comum ao adolescente das camadas populares da sociedade brasileira iniciar suas atividades laborais ainda muito jovem, mesmo que informalmente e em trabalhos precários. Essa iniciação dá-se ainda mais cedo nas famílias mais vulneráveis socialmente.

Neste sentido, o abandono e a evasão escolar são indicadores educacionais reveladores de desigualdades sociais oriundas dos processos de exclusão social de uma sociedade capitalista neoliberal. Com relação às desigualdades educacionais é preciso trazer, primeiramente, o conceito de violência simbólica de Bourdieu e Passeron (2009), os quais afirmam que a escola é um espaço de reprodução das desigualdades, já que reforça o discurso dominante. Para Bourdieu e Passeron (2009), o mundo é entendido a partir de critérios e valores dominantes na sociedade, valores estes que são transmitidos pela estrutura escolar aos dominados. Estes, antes mesmo de conhecerem a sua própria condição, reproduzem esse discurso que foi inculcado pela escola. Desta forma, a autoridade pedagógica, no caso, os professores, reconhecidos socialmente por possuírem uma espécie de aval de legitimidade dominante, ao final, representam a mera imposição daquilo que Bourdieu e Passeron (2009) chamam de Arbitrário Cultural Dominante.

Dubet (2004) chama a atenção para o fato de que, na França, até a década de 1960, o local de nascimento dos estudantes tinha peso na orientação com relação às escolas, já que havia uma “[...] escola do povo, a escola das classes médias, a escola da burguesia, as escolas profissionais, as da cidade, as do campo, as da igreja, as do estado. E isso ainda ocorre na maioria dos países em desenvolvimento” (DUBET, 2004, p. 541).

Freire (1991), ao trazer números relativos à situação educacional brasileira do final dos anos 1980, mostra que as carências da educação em termos de investimentos atingem mais as famílias das classes menos favorecidas. Tomando como base a literatura atual da área e os dados dos Censos Escolares, produzidos

pelo Ministério da Educação e INEP, esta situação permanece a mesma. Além disso, a pandemia de COVID-19 contribuiu substancialmente para o agravamento deste quadro. Assim, na balança das desigualdades, aqueles que têm menos posses são justamente os que terão menos aporte financeiro, menos estrutura e menos acesso à escola, perpetuando o *status quo*.

### Percurso Metodológico

O presente artigo configura-se como um estudo de caso qualitativo (YIN, 2001), o qual utiliza várias técnicas de produção de dados. Nesta pesquisa, tem-se o recorte da produção de dados obtida por meio de um questionário *online* (Microsoft Forms), respondido pelos estudantes da Escola Estadual de Ensino Médio Olindo Flores da Silva, localizada no Bairro Scharlau, município de São Leopoldo/RS, durante a pandemia, no ano de 2020, quando da suspensão das aulas presenciais e adoção das aulas remotas. O questionário foi disponibilizado por meio de *links* enviados aos professores conselheiros de cada uma das 16 turmas que a escola possuía naquele ano. Os professores conselheiros, por sua vez, compartilharam o questionário nos grupos de *WhatsApp* (aplicativo de mensagens instantâneas) das turmas, bem como no mural de recados das turmas na plataforma *Google Classroom*<sup>9</sup>.

O questionário foi composto por 52 questões, sendo que 48 objetivas (múltipla escolha) e 4 dissertativas, as quais serão objeto de análise deste artigo.

Conforme dados do Conselho de Classe da escola, realizado no mês de setembro de 2020, de um total de 516 alunos matriculados regularmente, 407 estudantes possuíam cadastro na conta @educar<sup>10</sup>. Desses, de acordo com os dados do Conselho, 227 estavam participando regularmente das aulas remotas, sendo que responderam ao questionário um total de 134 estudantes. Estes já são dados preocupantes no tocante ao abandono escolar no ano em questão.

A análise dos dados foi realizada por meio da análise textual discursiva das respostas obtidas do questionário aplicado aos estudantes. Para tanto, de acordo com Moraes e Galiazi (2006, p. 118) “[...] a análise textual discursiva é uma abordagem de

<sup>9</sup> Google *Classroom* ou Google Sala de Aula é uma plataforma criada pela empresa Google para gerenciar turmas e tarefas de aula em ambiente virtual. Disponível em: [https://edu.google.com/intl/pt-BR\\_ALL/products/classroom/](https://edu.google.com/intl/pt-BR_ALL/products/classroom/). Acesso em: 20 nov. 2020.

<sup>10</sup> Conta de e-mail institucional que deveria ser criada para que cada professor e aluno da rede estadual pudesse acessar todas as ferramentas disponibilizadas pelo *Google*.

análise de dados que transita entre duas formas consagradas de análise na pesquisa qualitativa que são a análise de conteúdo e a análise de discurso”.

As questões dissertativas respondidas pelos estudantes foram: 1) Que tipo de facilidade e/ou incentivo para continuar estudando você recebe de sua empresa? (Para os alunos trabalhadores); 2) Se você já pensou em abandonar os estudos neste ano, o que o levou a pensar nesta possibilidade? 3) Que tipo de sentimentos você tem em relação ao ensino remoto? Como se sente? 4) Como você se organiza para estudar em casa?

As categorias de análise foram definidas com base nas questões e respostas obtidas: CAT1: Abandono escolar em 2020 (pandemia), CAT2: Sentimentos em relação ao ensino remoto, CAT3: Organização do estudo em casa (em tempos de pandemia); CAT4: Incentivo para estudar por parte da empresa.

Para fins de denominação dos excertos extraídos, foram selecionados quatro por categoria, codificados da seguinte forma: número da categoria e número do excerto. Exemplo: (CAT1/1).

### **Resultados e discussão: a percepção dos estudantes sobre o abandono escolar em contexto de pandemia**

Nesta seção serão apresentados os excertos selecionados por categoria, em que se destaca a percepção dos estudantes sob o contexto pandêmico.

A primeira categoria refere-se ao abandono escolar durante a pandemia. Quando questionados se em algum momento haviam pensado em abandonar a escola durante a pandemia, os estudantes puderam expor suas angústias das mais diversas formas sobre aquilo que, no entendimento deles/delas, atrapalhava ou não a continuidade dos estudos. Nota-se que, dentre os excertos abaixo selecionados, há desde aqueles em que os alunos atribuíam a intenção de abandonar a escola ao fato de não estarem aprendendo nada, até aqueles em que atribuíam a questões pessoais como gravidez, horários de trabalho, entre outros.

No excerto abaixo, por exemplo, destacamos que, segundo o estudante, na maioria das disciplinas é apenas preciso copiar as matérias. Isso reforça aquilo que já suspeitávamos com relação à mera transposição das aulas presenciais para as aulas remotas, já que essa prática transmissiva dos conteúdos ainda é bastante recorrente nas nossas escolas.

O que me levou a pensar foi que com as aulas remotas nós não aprendemos as matérias, na maioria das disciplinas nós somos apenas máquinas de copiar. Para mim seria mais fácil cancelar o ano letivo do que não aprender praticamente nada. (CAT1/1).

Martins e Almeida (2020) chamam a atenção para a mera transposição didática da educação tradicional para as redes, devido à emergência da implementação das aulas remotas em virtude da pandemia. “O que nós observamos em nossas pesquisas a respeito da educação no momento atual é a transposição didática emergencial da educação tradicional para as redes.” (MARTINS; ALMEIDA, 2020, p. 221).

Eu estou em uma rotina bem corrida, pois a gravidez é um processo grande, é minha primeira viagem, e vou morar eu e meu esposo no nosso apartamento tudo tem gasto preocupações, fora o gasto com as coisas da nossa bebê que está chegando!!! Minha rotina é corrida pois eu faço doces para vender, tenho que dar conta da casa pois ainda estou morando na casa da minha mãe, tenho tantas encomendas, fora as dores gestacionais, quando estamos em casa com tantas prioridades o estudo acaba sendo difícil de lidar ... Mas tudo que consigo entregar no prazo é realizar eu entrego!!! Os professores estão sendo bem compreensivos, isso é bom!!! (CAT1/2).

Oliveira e Pereira Júnior (2020,) destacam que a rotina dos estudantes foi substancialmente alterada com a pandemia. No caso desta estudante, a gravidez, as preocupações com casamento e trabalho, além do fato de residir com a mãe colocam diversas dificuldades dentre as quais a escola e o ensino remoto misturam-se a uma rotina atribulada. Nesse sentido, a estudante destaca a compreensão por parte dos professores com relação ao envio das tarefas e realização das atividades.

Havia tido uma crise de ansiedade, coisa que nunca tinha me ocorrido antes, nunca tinha tido uma crise de ansiedade, estava me sentindo sobrecarregada, cansada, não conseguia me concentrar, me alimentar, fiquei bem mal durante uma semana, sentia que estava afetando até as pessoas a minha volta. Ia procurar ajuda médica, mas ao invés disso, ao invés de gastar dinheiro com psicólogo, psiquiatra, terapeuta, ou qualquer outro profissional que entendesse o que eu estava passando e me ajudasse a superar aquele momento em que eu me encontrava, resolvi parar os estudos, tinha até conversado com meus pais sobre o assunto, mas sou teimosa e continuei realizando as atividades que me eram enviadas, até que percebi que não estava mais tão mal assim e segui em frente, as vezes me dá alguns sintomas de que a crise quer me abater, mas paro de fazer o que estou fazendo, bebo uma água, dou um tempo e logo passa. (CAT1/3).

Saviani e Galvão (2021, p. 38-39) destacam que “[...] tanto estudantes quanto professores acabaram penalizados com os prejuízos na ordem da saúde mental e física, em virtude do volume de trabalho e também da sua precariedade”.

Ainda de acordo com Saviani e Galvão (2021), as redes de ensino viram-se obrigadas a cumprir os calendários escolares mesmo diante da falta das condições necessárias, tanto para estudantes quanto docentes. A crise de ansiedade mencionada pela estudante, relaciona-se, se não na sua totalidade, ao menos em parte às exigências do ensino remoto. Contribuem para a crise emocional, todo o contexto social posto, tendo sua origem na crise sanitária.

Cobram da gente um monte de trabalho e ficamos enlouquecidos. Tem professores que mandam trabalho no horário errado, fora de horário de aula, o que é um absurdo. Sem contar que tem trabalhos extensos (mas felizmente não são todos os professores que fazem isso). Quando eu não consigo aprender eu me esforço ao máximo mas me desgasto também, o que me leva a ataques de pânico, e sinceramente é mais do que horrível. Isso ferra com a minha cabeça e o desgaste me leva ao cansaço e por isso eu cogitei a ideia de parar por esse ano, mas continuo pois quero dar orgulho a minha família. Falo isso pela aula remota on-line, mas provavelmente aulas presenciais não escapam muito disso à relação ao que eu sinto. (CAT1/4).

Saviani e Galvão (2021) chamam a atenção para o fato de que:

No ensino remoto, ficamos com pouco ensino, pouca aprendizagem, pouco conteúdo, pouca carga horária, pouco diálogo. Em contrapartida, temos muitas tarefas. Do lado dos alunos, estes supostamente passam a ser autômatos e vão em busca do próprio conhecimento, assoberbados com a multiplicação de leituras, vídeos, *podcasts*, webinários, entre outros. (SAVIANI; GALVÃO, 2021, p. 42).

No excerto anterior, observamos a crítica do estudante com relação às cobranças feitas pelos professores. Entretanto, neste cenário, tanto estudantes quanto professores se veem inseridos em um processo de aulas remotas adotadas de maneira emergencial, necessitando dar conta de uma série de compromissos e prazos, já que os docentes também precisam responder aos gestores escolares, que por sua vez precisam prestar contas às mantenedoras, às secretarias e às avaliações externas. Neste ciclo, na ponta principal, o aluno é quem sente os efeitos de algo feito de maneira improvisada, com urgência, para dar respostas à sociedade, já que a educação não pode parar.

Assistimos também a uma grande ansiedade por parte dos gestores públicos em tentar resgatar a normalidade ou garantir que o ensino se realize a qualquer custo. A preocupação deles é cumprir o programa curricular previsto para o ano letivo, pois encontram-se submetidos às pressões próprias do modo de regulação da educação brasileira, extremamente dependente das avaliações externas, em especial do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB). (OLIVEIRA; PEREIRA JÚNIOR, 2020, p. 733).

Na fala desses estudantes, resumidamente, chama a atenção a ansiedade gerada pela adoção do ensino remoto de forma emergencial, as dificuldades de adaptação ao acúmulo de tarefas solicitadas pelos professores e, embora o esforço realizado por estes estudantes em específico para dar conta das tarefas, a pouca efetividade e o baixo nível de aprendizado.

Na segunda categoria, os alunos foram instigados a falarem, de uma forma livre e aberta, sobre os seus sentimentos em relação ao ensino remoto, tendo como base a experiência recente a qual haviam sido submetidos, diante do quadro de contingenciamento causado pela pandemia. Dentre as respostas dos estudantes, destacam-se desde o sentimento positivo por estarem seguros em casa, até sentimentos como tristeza, saudades dos professores e colegas, dificuldades no aprendizado e relatos criticando o pouco aproveitamento dos recursos digitais por parte dos professores.

Às vezes sinto-me segura por poder estar realizando tudo no conforto de minha casa, protegida do vírus e protegendo a quem amo. Mas às vezes nos faz falta ter o contato direto com o professor, e conseqüentemente me sinto insegura, uma mistura de raiva e medo, não pela doença, mas sim por não conseguir absorver todas as informações de todas as matérias. (CAT2/1).

Na fala do aluno fica evidente a insegurança causada pela falta da presença física do professor e a ausência do espaço escolar. Ao avaliar a situação, lembrando da importância de estar em casa, protegido do contágio, ressalta indiretamente uma questão central para Saviani e Galvão (2021) em sua crítica ao ensino remoto.

O ensino remoto é empobrecido não apenas porque há uma frieza entre os participantes de uma atividade síncrona, dificultada pelas questões tecnológicas. Seu esvaziamento se expressa na impossibilidade de se realizar um trabalho pedagógico sério com o aprofundamento dos conteúdos de ensino, uma vez que essa modalidade não comporta aulas que se valham de diferentes formas de abordagem e que tenham professores e alunos com os mesmos espaços, tempos e compartilhamentos da educação presencial. (SAVIANI; GALVÃO, 2021, p. 42).

Tanto no excerto anterior, quanto no excerto abaixo há críticas relacionadas ao trabalho dos professores e a sua relação com a tecnologia. No entanto, é importante ressaltar que, devido à emergência da situação sanitária e o posterior contingenciamento das atividades escolares impostas pela pandemia, tanto professores quanto alunos precisaram adaptar-se de forma abrupta a essa realidade.

Eu gosto do ensino remoto. Porém, fico um pouco triste porque os professores da rede pública não conseguem aproveitar adequadamente as plataformas. Exemplo: Nem todos os professores fazem aulas por vídeo, alguns não colocam prazo em exercícios com prazo de entrega, alguns fazem chamada APENAS por vídeo, etc.... (CAT2/2).

O estudante, neste caso, afirma gostar do ensino remoto, no entanto vê que as possibilidades desta forma de dar aula são pouco aproveitadas pelos professores da rede pública. É importante ressaltar que há uma diversidade de respostas nesse sentido, já que alguns afirmam gostar do ensino remoto e outros não. Para Alves e Faria (2020, p. 7) “[...] em 30 dias de aulas online, o chamado ensino remoto, vimos a angústia dos professores em relação ao despreparo de transpor para o online o que faziam no presencial.”

Eu tenho um sentimento de tristeza, pois é ruim ficar afastado da escola, dos professores e dos colegas, mas com as aulas no Meet, dá para você ver os professores e matar a saudade. Mas ao mesmo tempo me sinto bem, pois eu estou dando o meu melhor para conseguir ser aprovada este ano. (CAT2/3).

Neste excerto, o estudante destaca a falta do contato social, tanto com os professores, quanto com os colegas, lembrando do papel social da escola. Alves e Faria (2020) citam a importância dos encontros por *webconferência* como uma importante alternativa, no entanto destaca que este tipo de aula não pode ser muito extensa pois causa cansaço e desinteresse dos estudantes o que pode levar a uma desmotivação tanto de estudantes quanto de professores.

Estou me acostumado, mas preferia as aulas presenciais, pois desse jeito é um pouco mais difícil, pois muitas das vezes os professores não estão colados aos seus aparelhos e demoram a responder uma dúvida que poderia tirar de imediato se tivesse em sala de aula, meus sentimentos são saudades das aulas presenciais, mas também vejo uma facilidade nas aulas remotas e também é mais seguro. (CAT2/4).

No contexto do isolamento social, observa-se, conforme o excerto acima, a necessidade de respostas imediatas do professor. Importante aqui lembrar das diversas queixas dos docentes com relação a isso, visto que os espaços e o tempo acabaram sendo dissipados nos ambientes virtuais e os horários de folga ou descanso dos docentes, sendo invadidos por questões relativas ao seu trabalho.

Com relação à forma com que os estudantes se organizam para estudar em casa, observamos, dentre as respostas destacadas, que a rotina de estudos sofre interferências das dinâmicas do ambiente doméstico, ou seja, a escola acabou

invadindo a casa dos alunos, misturando-se às tarefas do lar. Questões sociais, desemprego, falta de horários adequados para o estudo, além de outras situações, são uma preocupação recorrente nos relatos colhidos junto aos estudantes. Desta forma, Oliveira e Pereira Júnior (2020) destacam que

A ausência de recursos tecnológicos, a falta de ambiente reservado para estudo, além da disponibilidade de computador e conexão de internet podem comprometer cabalmente a participação dos estudantes, mesmo os mais interessados. Diferentemente da sala de aula, foge ao controle do professor a capacidade de concentração dos alunos para evitar que eles se dispersem nos ambientes virtuais. Certamente, os professores necessitam incrementar as atividades de forma a atrair a atenção dos alunos. (OLIVEIRA; PEREIRA JÚNIOR, 2020, p. 732-733).

No excerto abaixo, o aluno afirma preparar uma rotina, mas que ela nunca se dá da forma com que ele a organiza, devido a tarefas domésticas e outros compromissos.

Olha! Todos os dias preparo uma rotina, mas nunca são realizadas da forma que organizo, pois quando estamos em casa é tantas coisas que vai aparecendo pra fazer ou resolver, que acabamos nos distraindo ou despriorizando o nosso ensino escolar.... (CAT3/1).

Percebe-se no relato sincero do estudante que, diante de outras distrações, a escola acaba ficando em segundo plano, numa espécie de ciclo vicioso em que o estudo não é prioridade, embora saiba-se da sua importância.

Todos os dias eu entro no aplicativo do Google Sala de Aula e vejo as atividades enviadas pelos professores e então separo um tempo para realizá-las (pode ser no mesmo dia caso a data de entrega da atividade seja no dia), ou eu faço em outros dias caso a data de entrega seja adiante. Também costumo marcar as datas no meu celular para me avisar quando tenho encontro no aplicativo Meet com os professores porque são de extrema importância para o melhor entendimento das matérias. (CAT3/2).

Observa-se que o estudante tem uma sistematização das suas atividades. A organização, nesta modalidade remota de ensino, é primordial para que o aluno, no seu aprendizado, além de evitar o acúmulo de tarefas, evite a ansiedade e o desânimo. Outro aspecto importante trazido na fala deste aluno são os encontros pelo aplicativo de videoconferência *Google Meet*. Com relação a isso, Alves e Faria (2020) ressaltam a validade desta ferramenta síncrona em que alunos e professores podem interagir, no entanto, advertem que esses encontros, com aulas expositivas, não podem ser longos a fim de evitar o cansaço e a desconcentração dos estudantes. (ALVES; FARIA, 2020, p. 7).

Nos dois próximos excertos, fica evidente o problema vivido por milhares de famílias brasileiras durante a pandemia, ou seja, a luta pela manutenção do emprego em tempos de fechamentos de postos de trabalho e demissões de trabalhadores.

Tiro um tempo pros estudos, como minha mãe trabalha fora, e só volta às dez da noite pra casa, eu que tenho que fazer tudo em casa, então, consigo me dedicar aos estudos, sempre à tardinha, ali pelas cinco, seis horas, começo essas horas, e paro sempre pelas dez, onze horas. (CAT3/3).

O estudante, conforme o relato acima, apesar de não trabalhar, precisa dar conta das tarefas da casa, já que a mãe precisa sair para buscar o sustento da família. Neste caso, percebe-se um esforço deste aluno em conciliar compromissos domésticos com as atividades propostas pela escola.

Eu me organizo assim, eu faço todos os meus trabalhos a tarde até a noite, as vezes viro a madrugada fazendo, pois de manhã eu ajudo em casa ou faço alguns trabalhos fora de casa para ajudar, pois só minha mãe está trabalhando, meu pai não tem emprego, e minha mãe está recebendo metade do salário mínimo, às vezes tenho medo de perder a oportunidade de estudar, pois as vezes não sobra dinheiro nem pra comida e nem pra internet que preciso pra estudar. (CAT3/4).

Na resposta acima é enfatizado o desemprego do pai, o corte do salário da mãe (metade de um salário mínimo), o medo de perder a oportunidade de estudar, dificuldades relativas à alimentação e mesmo questões relacionadas à manutenção da conexão com a internet, já que a família passa por sérias dificuldades financeiras. Para Costin (2020, p. 43) “[...] a pandemia trouxe-nos sofrimentos próprios de uma crise multifacetada. Afinal, trata-se de uma crise sanitária, com perdas de vidas e adoecimento, quanto uma crise econômica, o que resultou em desemprego e redução substancial de renda [...]”. Desta forma, somada às atividades escolares e aos medos provocados pela pandemia, há uma preocupação constante com a perda de emprego e renda.

[...] a presença aparentemente cada vez mais insistente, de indivíduos colocados em situação de flutuação na estrutura social e que povoam seus interstícios sem encontrar aí um lugar designado. Silhuetas incertas, à margem do trabalho e nas fronteiras das formas de troca socialmente consagradas – desempregados por períodos longos, moradores dos subúrbios pobres, beneficiários de renda mínima de inserção, vítimas das readaptações industriais, jovens à procura de emprego e que passam de estágio a estágio, de pequeno trabalho à ocupação provisória... – quem são eles, de onde vêm, como chegaram ao ponto em que estão, o que vão se tornar? (CASTEL, 1998, p. 23).

O questionamento com relação a que tipo de incentivo os jovens trabalhadores recebem por parte dos seus empregadores para continuarem seus estudos já aparecia em outros trabalhos desenvolvidos pelo Grupo de Pesquisa Políticas Educacionais e Gestão Educacional/Escolar (PPGEE/UNISINOS), (FRITSCH; VITELLI; TAVARES, 2019). O Ensino Médio representa, para muitos jovens, especialmente aqueles que procuram o Ensino Médio noturno, a possibilidade de iniciar suas atividades no mercado de trabalho. Em tempos de pandemia, muitos deles precisaram se lançar em busca de emprego e renda para auxiliar suas famílias, tendo em vista as necessidades criadas pelo período de contingenciamento. As classes sociais menos favorecidas, composta por trabalhadores assalariados e informais, foram atingidas substancialmente. De acordo com dados do IBGE, no 3º trimestre de 2020, a taxa de desocupação estava em 14,6%<sup>11</sup>.

Dos alunos que participaram da pesquisa, 96 de um total de 134 não responderam essa questão por não se enquadrarem no quesito alunos-trabalhadores. Dentre aqueles que responderam, 38 estudantes destacam respostas relacionadas ao trabalho exercido de maneira informal e preocupações relativas à manutenção do emprego. Outros citam não haver nenhum apoio por parte do empregador e ainda há relatos destacando uma espécie de apoio moral e incentivos por meio de palavras por parte de seus empregadores.

Não tenho trabalho formal, trabalho com vendas de doces, pois estou grávida na reta final da gestação e começando minha vida adulta a pouco tempo com meu esposo ... Mas quero terminar o Ensino Médio e daqui algum tempo fazer meu técnico... (CAT4/1).

Observa-se, na resposta acima, vários fatores externos à escola que atuam em um conjunto de dificuldades que podem culminar no abandono escolar. Pode-se destacar aqui o trabalho informal, a gravidez e o casamento precoce. Além disso, a estudante faz planos para realizar o ensino técnico, o que, podemos deduzir, a qualificaria na busca por melhores oportunidades de emprego e renda. No entanto, em consonância com uma tendência apontada por Dubet (2008), os jovens menos favorecidos procuram as formações técnicas, enquanto os jovens provenientes de

---

<sup>11</sup> Disponível em: [https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9173-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-trimestral.html?=&t=series-historicas&utm\\_source=landing&utm\\_medium=explica&utm\\_campaign=desemprego](https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9173-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-trimestral.html?=&t=series-historicas&utm_source=landing&utm_medium=explica&utm_campaign=desemprego). Acesso em 28 ago. 2021.

classes sociais privilegiadas procuram as carreiras de maior prestígio e, conseqüentemente, com remunerações mais atrativas.

No excerto, destacamos o relato do estudante que alega a falta de tempo para os estudos: “Trabalho agora das 8h às 12h, das 13h às 16h, as vezes tenho tempo pra estudar, mas eles priorizam meus estudos, mas preciso do dinheiro pra ajudar em casa”. (CAT4/2).

Há uma preocupação latente com o sustento familiar exposta na resposta acima. Em uma situação de normalidade, esta já era a realidade de muitos estudantes brasileiros, no entanto, diante da crise sanitária há o agravamento do quadro social com a perda de emprego e renda, o que faz com que os estudantes saiam em busca de trabalho no intuito de ajudar suas famílias. “Por estar fazendo curso, os estudos me ajuda muito, e também se eu não for bem nos estudos eu perco meu estágio”. (CAT4/3).

Observa-se, neste caso, que o estudante destaca o fato de estar frequentando um curso (não especificado) provavelmente técnico ou voltado ao mercado de trabalho, cuja exigência é estar matriculado em uma escola regular. Ressalta que o estudo o ajuda muito, mas ao final condiciona a sua a frequência escolar como uma mera formalidade para que não perca seu estágio.

Dubet (2008, p. 388), ao trazer o caso francês e que pode ser aplicado muito bem à realidade brasileira, destaca que “[...] nos bairros menos favorecidos, os jovens têm o sentimento de estarem presos num jogo de azar, pois suas formações não desembocam num emprego [...]”. Se somente a formação escolar não é suficiente para a obtenção de um trabalho, esse jovem se vê forçado a ir em busca de outros cursos que o qualifiquem para tanto.

Eu trabalho com meus pais no ramo de comerciantes e empreendedores, na cozinha, me incentivo a estudar para que eu possa adquirir mais conhecimento e fazer alguma coisa dessa área, e assim ajudar minha família a crescer mais nesse ramo, e se eu me interessar por algo mais e tiver oportunidade eu sigo também. (CAT4/4).

Aqui destaca-se novamente o trabalho informal, desta vez em um negócio familiar. É importante ressaltar nesse excerto que o estudante cita a aquisição do conhecimento (poucos citam isso), além do objetivo em continuar na área do empreendimento da família. Esse seria o fator motivador para a continuidade dos

estudos. Entretanto, percebe-se, talvez por uma influência familiar, a valorização de uma educação utilitarista. Para Dubet (2008),

[...] as condutas das famílias são de mais a mais estratégicas e utilitaristas, pois os pais sabem que as performances escolares de seus filhos são decisivas em relação ao acesso ao emprego: as demandas seletivas são cada vez mais precoces, as escolhas de utilidade levam a escolhas culturais e intelectuais e aqueles que não podem se orientar no labirinto do mercado escolar são fortemente penalizados, enquanto se desenvolvem os cursos e apoios privados. (DUBET, 2008, p. 388).

Nota-se, portanto, nesta categoria em específico, o desejo e a necessidade de trabalhar, principalmente para questões de subsistência, sendo a escola percebida como uma etapa necessária e/ou obrigatória para que esse objetivo seja atingido.

### **Considerações Finais**

Várias são as forças que, conjuntamente, atuam sobre o indivíduo jovem, oriundo das classes populares e estudante de escolas públicas dos centros urbanos, para que acabe abandonando a escola. A pandemia de COVID-19, que até o presente momento já levou mais de 600 mil vidas somente no Brasil, é mais uma dessas forças contrárias à permanência desse jovem na escola, ainda que em uma escola virtual com aulas remotas. O contingenciamento vivido por todos, a precariedade do atendimento escolar durante a pandemia, a falta de condições de acesso à tecnologia (equipamentos e conexão à internet de qualidade), o agravamento da crise econômica, a luta pela sobrevivência em tempos de desemprego e incertezas foram determinantes para um cenário caótico no que diz respeito ao abandono escolar, em especial no Ensino Médio, etapa da educação básica em que os jovens estão vivendo mudanças substanciais em suas vidas.

Faz-se necessário, urgentemente, um amplo debate que leve em consideração as vozes dos estudantes inseridos num contexto de insegurança e aflição, tanto em relação ao seu presente quanto em relação ao seu futuro, já que a escola pública ainda representa, apesar de todas as dificuldades enfrentadas por ela, um horizonte de ascensão social para os jovens oriundos das classes menos favorecidas.

Diante da crise sanitária provocada pela pandemia, além da crise econômica influenciada também por ela, não nos surpreende se na balança trabalho x escola, esta última receba um peso menor. Neste cenário, levando-se em

consideração todas as fragilidades econômicas, sociais e psicológicas vividas por esses estudantes, a escola acabe sendo deixada de lado, especialmente diante da necessidade da busca por emprego e renda, ainda que fique evidente na fala desses jovens a preocupação com a continuidade dos seus estudos e a importância da formação escolar nas suas vidas.

### Referências Bibliográficas

ALVES, Elaine Jesus; FARIA, Denilda Caetano de. Educação em Tempos de Pandemia: lições aprendidas e compartilhadas. **Revista Observatório**, Palmas, v. 6, nº 2, p. 1-18, abr./jun. 2020. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/9475>.

Acesso em: 22 jun. 2021

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A Reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2009.

CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social**: uma crônica do salário. Petrópolis/RJ: Vozes, 1998.

COSTIN, Claudia. Educar para um futuro mais sustentável e inclusivo. **Estudos avançados**, n. 100, p. 43-52, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ea/v34n100/1806-9592-ea-34-100-43.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2021.

DAYRELL, Juarez Tarcísio; JESUS, Rodrigo Ednilson de. Juventude, ensino médio e os processos de exclusão escolar. **Educação e Sociedade**, Campinas/SP, v. 37, n. 135, abr./jun. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/es/v37n135/1678-4626-es-37-135-00407.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2021.

DUBET, François. Democratização escolar e justiça da escola. **Educação**, v. 33, n. 3, p. 381-394, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/1614/909>. Acesso em: 06 jun. 2021.

DUBET, François. Mutações cruzadas: a cidadania e a escola. **Revista Brasileira de Educação**, v. 16, n. 47, p. 289-304, maio/ago. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/v16n47/v16n47a02.pdf>. Acesso em: 29 dez. 2020.

DUBET, François. O que é uma escola justa? **Cadernos de Pesquisa**, v. 34, n. 123, p. 539-555, set./dez. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cp/v34n123/a02v34123.pdf>. Acesso em: 27 dez. 2020.

FREIRE, Paulo. **A Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez Editora, 1991.

FRITSCH, Rosângela; VITELLI, Ricardo Ferreira; TAVARES, Ana Carina (Orgs.). **Políticas Educacionais e Gestão Escolar no Contexto de Escolas Públicas**. São Leopoldo: Oikos, 2019.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Indicadores Educacionais**. Brasília/DF: INEP, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/acesso-a-informacao/dados-abertos/indicadores-educacionais>. Acesso em: 22 jan. 2021.

LAVAL, Christian. **A escola não é uma empresa**: o neoliberalismo em ataque ao ensino público. São Paulo: Boitempo, 2019.

MARTINS, Vivian; ALMEIDA, Joelma. Educação em Tempos de Pandemia no Brasil: saber fazeres escolares em exposição nas redes e a educação on-line como perspectiva. **ReDoC**, Rio de Janeiro, v. 4, nº 2, maio/agosto. 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/51026/34672>. Acesso em: 22 jun. 2021

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. Análise textual discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces. **Ciência & Educação**, v. 12, n. 1, p. 117-128, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ciedu/v12n1/08.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2021.

MORAES, Roque. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência & Educação**, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/SJKF5m97DHYkhL5pM5tXzdzj/?lang=pt>. Acesso em: 10 jan. 2021.

OLIVEIRA, Andréa Silva de; THUMS, Angela; ALVES, Katusse Içara. Evasão e abandono escolar: do princípio da fuga ao caminho para a permanência. In: FRITSCH, Rosângela (Org.). **Ensino Médio**: caminhos e descaminhos da evasão escolar. São Leopoldo: Oikos, 2015. p. 45-64.

OLIVEIRA, Dalila Andrade; PEREIRA JUNIOR, Edmilson Antônio. Trabalho docente em tempos de pandemia: mais um retrato da desigualdade educacional brasileira. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 14, nº 30, p. 719-735. set./dez. 2020. Disponível em: <http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/1212/pdf>. Acesso em: 22 jun. 2021.

SAVIANI, Demerval; GALVÃO, Ana Carolina. Educação na pandemia: a falácia do “ensino” remoto. **Universidade e Sociedade** - ANDES-SN, ano XXXI, n. 67, jan. 2021, p. 36-49. Disponível em: [https://www.andes.org.br/img/midias/0e74d85d3ea4a065b283db72641d4ada\\_1609774477.pdf](https://www.andes.org.br/img/midias/0e74d85d3ea4a065b283db72641d4ada_1609774477.pdf). Acesso em: 12 mar. 2021.

SILVA, Mônica Ribeiro da; PELISSARI, Lucas Barbosa; STEIMBACH, Allan Andrei. Juventude, escola e trabalho: permanência e abandono na educação profissional técnica de nível médio. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 39, n. 2, p. 403-417, abr./jun. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ep/v39n2/aop899.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2020.

VITELLI, Ricardo Ferreira; FRITSCH, Rosângela. Defasagem idade-série em escolas estaduais de Ensino Médio do RS. In: FRITSCH, Rosângela (Org.). **Ensino Médio: caminhos e descaminhos da evasão escolar**. São Leopoldo: Oikos, 2015, p. 65-87.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Tradução de Daniel Grassi. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

**Sílvio Nei da Silva Machado**

São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil

Mestrando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, na linha de pesquisa: História, Educação e Políticas (PROEX/Capes). Graduado em Letras Português e Inglês pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2011) e especialização em Gestão e Docência na EaD pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2015).

**E-mail:** silvionsm@gmail.com

**Link do Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/9085707481197956>

**Rosângela Fritsch**

São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil

Doutorado em Educação (2006) pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) e Pós-doutorado na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação pela Universidade do Porto. Atualmente é professora titular no Programa de Pós-Graduação em Educação, na Graduação e Especializações da Unisinos. Pesquisadora e coordenadora do Grupo de Pesquisa Políticas Educacionais e Gestão Educacional e Escolar (PPGEe).

**E-mail:** rosangelaf@unisinos.br

**Link do Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/5203131170203547>

**Darciel Pasinato**

São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil

Pós-doutorado em Educação (2019) pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Doutorado em Educação (2018) pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), Mestrado em Educação (2013), Especialização em Supervisão Educacional (2013), Especialização em Orientação Educacional (2011), Graduação em História (2008) pela Universidade de Passo Fundo (UPF) e Graduando em Pedagogia (2021) pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER).

**E-mail:** darcielpasinato1986@gmail.com

**Link do Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/0365700249114929>

**Recebimento: 20/09/2021**

**Aprovação: 17/11/2021**



**Q.Code**

**Editores-Responsáveis**

Dr. Enéas de Araújo Arrais Neto, Universidade Federal do Ceará, UFC, Ceará, Brasil

Dr. Sebastien Pesce, Universidade de Orléans, França